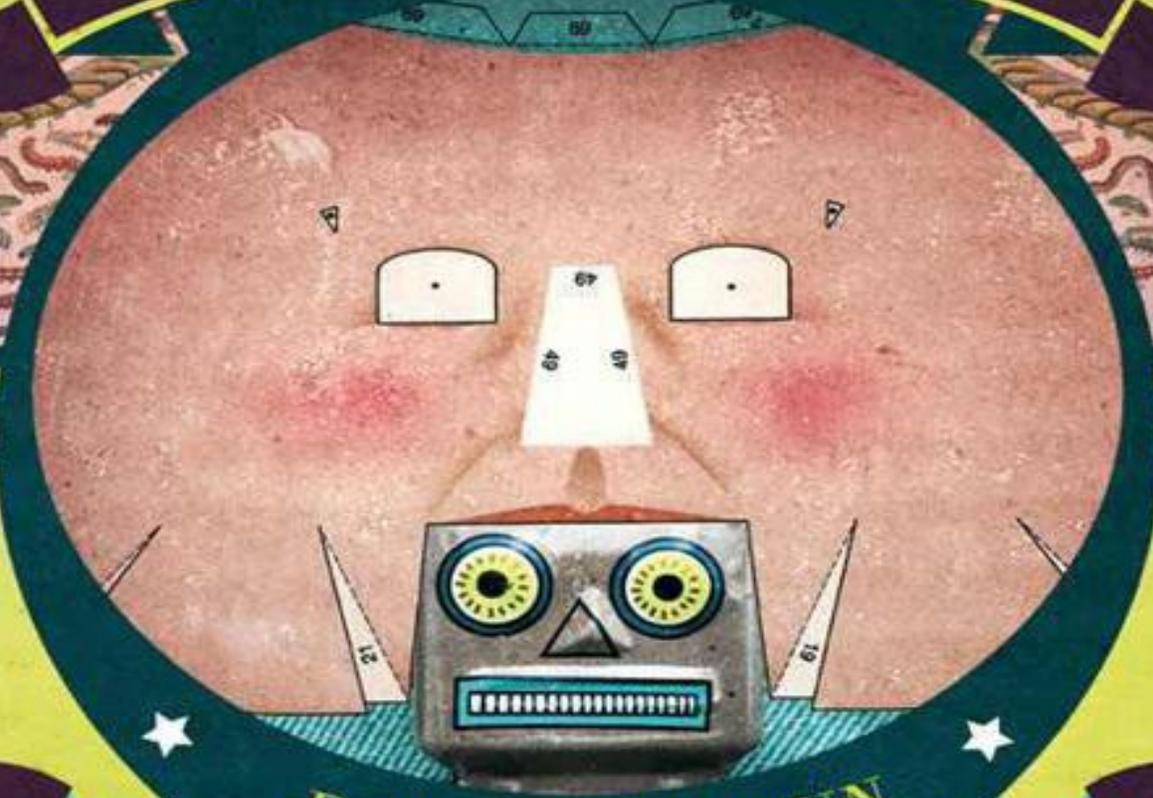




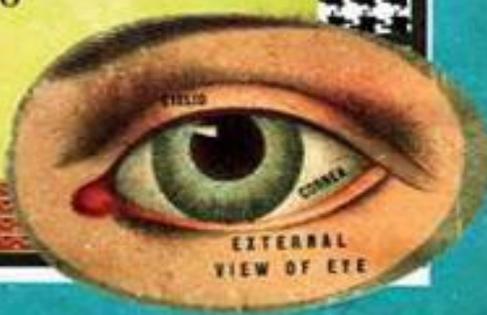
coleção
NOVELAS IMORTAIS

O HOMEM



E. T. A. HOFFMANN
DA AREIA

ORGANIZAÇÃO E APRESENTAÇÃO
Fernando Sabino



ROCCO

Coleção Novelas Mortais

ORGANIZAÇÃO E APRESENTAÇÃO

Fernando Sabino

O HOMEM DA AREIA

E. T. A. HOFFMANN

TRADUÇÃO DE

Ary Quintella

ROCCOJIMINI

Sumário

Apresentação
O homem da areia
Natanael para Lothar
Clara para Natanael
Natanael para Lothar
Créditos

Apresentação

Nem todos os admiradores do escritor, entre os quais me incluo, sabem que as iniciais antes do nome pelo qual ele se tornaria universalmente conhecido significam Ernst Theodor Wilhelm. Eu sei, porque consultei a enciclopédia, antes de escrever esta apresentação.

Wilhelm? Então por que o A ali em cima?

Fico sabendo também que Hoffmann trocou o Wilhelm de seu nome por Amadeus, em homenagem a Wolfgang Amadeus Mozart.

Escritor, compositor, empresário de teatro e advogado – Hoffmann foi muita coisa durante os 46 anos de sua vida, que começou na Alemanha, em Königsberg, a 24 de janeiro de 1776 e terminou em Berlim, a 25 de junho de 1822. Desde cedo teve motivos para ser infeliz: seus pais não se davam bem e se separaram quando ele tinha apenas três anos; o tio que o criou a partir de então não manifestava a menor compreensão ou simpatia para o seu temperamento dispersivo e sonhador.

Estudou direito na sua cidade natal, onde chegou a advogar, transferindo-se em 1795 para Glogau, e em 1798 para Berlim. Em 1800 foi nomeado para um cargo oficial em Posen, do qual foi logo afastado, por conta de umas caricaturas de sua autoria, altamente desrespeitosas para com as autoridades. Como castigo, removeram-no para uma pequena cidade do interior chamada Plozk, onde Hoffmann passou a dedicar suas horas de lazer, que eram muitas, à atividade musical.

Esta veio a ser, durante toda a sua vida, a ocupação que mais o fascinou.

Em 1804 foi transferido para Varsóvia, onde conheceu a obra de Novalis, Thieck, e outros expoentes do romantismo alemão, então em plena voga. Mas não esqueceu a música, sendo desta época várias composições suas, como a ópera baseada numa peça de Calderon. Com a invasão francesa, foi-se a sua tranquilidade: passou a viver uma existência incerta e erradia até 1814, quando voltou às atividades jurídicas em Berlim, onde dois anos mais tarde seria nomeado consultor da Corte de Apelação. Sua reputação de excelente jurista e funcionário exemplar não impedia que fizesse parte do círculo de romancistas e poetas românticos de então, como Fouqué, Chamisso e outros. São desse tempo a sua ópera *Undine*, que fez grande sucesso, e uma série de admiráveis artigos de crítica sobre Bach, Beethoven e outros.

E a literatura? A par de sua obra musical, Hoffmann em Berlim se firmou como escritor, com suas histórias de mistério e terror, que o tornaram conhecido e aclamado como um dos mais expressivos novelistas alemães. O poder de imaginação, que o levava às fronteiras da clarividência, fez com que sua obra sobressaísse sobre a dos demais, vindo ao longo do tempo a influenciar toda uma série de grandes escritores, que vão de Baudelaire, Maupassant, Poe, Wilde ou Dostoievski, a Álvares de Azevedo e Fagundes Varela, entre nós. Eu ousaria sugerir que sua marca se faz sentir até mesmo na obra de Kafka, embora não saiba dizer se teria exercido influência sobre o mestre do absurdo neste século. Mas não há dúvida de que a sua presença se estende até nossos dias através dos filmes de terror do gênero *Drácula* ou *Frankenstein*.

Infelizmente os hábitos irregulares do escritor e a vida dissipada no álcool, que desde cedo já lhe ameaçava a saúde, acabaram por levá-lo à morte, quando ainda no melhor de sua força criadora.

A impressionante novela *Der Sandmann*, publicada em 1817 e aqui apresentada sob o título *O homem da areia*, na exemplar tradução de Ary Quintella, dá bem a ideia das principais características de Hoffmann: seu senso do grotesco, do mórbido, do fantástico, do sobrenatural – e sua extraordinária intuição ao penetrar nos domínios do subconsciente, como verdadeiro precursor das explorações da moderna psicologia.

FERNANDO SABINO

(1986)

O HOMEM DA AREIA

Natanael para Lothar

Vocês devem estar bem preocupados, pois não lhes escrevo há muito tempo. Minha mãe deve estar zangada. Clara deve estar pensando que vivo num turbilhão de prazeres e que esqueci inteiramente sua figura angelical e doce, impressa de forma profunda em meu coração e em minha mente.

Mas não é nada disso. Todos os dias, a cada hora, penso em vocês e a encantadora figura de Clara aparece e torna a aparecer em meus devaneios. Seus olhos límpidos sorriem para mim com tanta graça quanto antigamente, assim que eu entrava em casa. Mas como poderia lhes escrever com esta violenta perturbação de espírito que me destrói a mente?

Uma coisa horrível aconteceu comigo! Pressentimentos inquietantes, terríveis, ameaçadores, passam-me pela cabeça como nuvens negras no temporal, impenetráveis aos raios alegres da amizade. Você me pede que lhe conte o que me aconteceu. É necessário que eu conte, bem sei. Mas só de pensar nisso começo a rir como demente. Ah, meu querido Lothar! Como conseguiria fazer você entender, apenas um pouquinho, que o acontecido há poucos dias pode complicar terrivelmente a minha vida?

Se – pelo menos – você estivesse aqui, poderia ver com seus próprios olhos. Mas, tenho certeza, vai pensar que sou um louco visionário. Para ser breve: a pavorosa visão que tive, e cuja fatal influência tento em vão descartar, consiste simplesmente em ter visto – no dia 30 de outubro, ao meio-dia – um vendedor de barômetros, que entrou em meu quarto e me ofereceu seus instrumentos. Além de não ter comprado nada, ameacei jogá-lo pelas escadas abaixo, no que partiu bem depressa.

Você pode imaginar: unicamente circunstâncias muito particulares – e que me marcaram bem lá por dentro – poderiam ter feito com que esse pequeno acontecimento tenha se tornado importante. O que é verdade. Estou juntando todas as forças para lhe contar, com calma e paciência, alguns fatos da minha infância que lhe esclarecerão tudo.

Agora, ao começar a narrativa, posso ouvir você rindo e Clara dizendo:

Isto é criançaice!

Pode rir, eu lhe peço. Pode debochar de mim, eu lhe peço. Mas Deus do céu!... meus cabelos ficam de pé e tenho a impressão de que se suplico a você para debochar de mim é porque estou em crise de desespero, de loucura, igual à de Franz Moor ao suplicar a Daniel¹. Mas vamos aos fatos.

Fora da hora das refeições, quase não víamos papai, sempre muito ocupado com seu trabalho. Depois do jantar, servido às sete horas, à moda antiga, íamos com mamãe ao gabinete de papai e nos sentávamos em volta da mesa redonda.

Papai fumava, enquanto bebia grandes copos de cerveja. As vezes, contava histórias maravilhosas, ficando tão distraído que o cachimbo se extinguia. Cabia a mim a tarefa de acendê-lo com um pedaço de papel, o que me divertia bastante. Outras vezes, nos dava livros ilustrados, permanecendo imóvel e silencioso em sua poltrona, soprando nuvens espessas de fumo, que nos envolviam como nevoeiro. Nestas noites, mamãe ficava muito triste e às nove horas em ponto nos dizia:

– Vamos para a cama, crianças. O Homem da Areia está chegando, posso ouvir seus passos.

Realmente, eu também escutava aquele passo lento, arrastado, subir os degraus. Era o Homem da Areia. Certa vez, o barulho me amedrontou demais e perguntei a mamãe, que nos acompanhava:

– Mamãe, quem é esse Homem da Areia que sempre nos separa do papai? Como é que ele é?

– Meu querido, não existe nenhum Homem da Areia – respondeu mamãe. – Quando eu digo o Homem da Areia está chegando, quero dizer apenas que vocês estão com sono sem conseguir mais ficar com os olhos abertos, como se tivessem jogado areia em seus olhos.

A resposta não me deixou satisfeito. Pouco a pouco, minha imaginação de criança me fez acreditar que mamãe nos dizia aquilo para não ficarmos amedrontados, pois eu continuava a ouvir o Homem da Areia subindo os degraus. Cheio de curiosidade, querendo saber mais a respeito dele e do que queria conosco, crianças, perguntei por fim à velha governanta de minha irmãzinha quem era mesmo o Homem da Areia.

– Pois é, meu pequeno Natanael, então você não sabe? É um homem mau, que vem procurar as crianças que não querem ir para a cama. Joga punhados de areia em seus olhos, que tombam ensanguentados, e os apanha, os enfia numa bolsa, e os carrega para a lua para alimentar seus netinhos. Eles estão lá, empoleirados em seu ninho, com os bicos recurvados como o da coruja. E bicam os olhos das crianças que não são boazinhas.

Desde então, a imagem do Homem da Areia ficou gravada em meu espírito com cores atroz. À noite, era só ouvir o ruído de passos e eu tremia angustiado, com pavor. Mamãe só conseguia arrancar de mim um grito, misturado ao meu choro:

– O Homem da Areia! O Homem da Areia!

Corria, me refugiando no quarto, e a terrível aparição do Homem da Areia me torturava a noite inteira. Mais tarde, quando já tinha idade para saber que a história do Homem da Areia, de seus netinhos e do ninho na lua, não era verdadeira, continuei apavorado, com horror e repugnância, cada vez que escutava seus passos subindo os degraus até o gabinete de papai e o bater violento da porta se fechando.

Às vezes, demorava demais para aparecer. Ou, então, suas vindas se tornavam frequentes. Isso durou muitos anos e não conseguia me habituar ao pesadelo. Nada apaga de minha cabeça a figura aterrorizante do Homem da Areia. Seu relacionamento com papai me preocupava cada vez mais e um medo obtuso me impedia de falar a seu respeito.

Com os anos, porém, germinou e cresceu dentro de mim o desejo de elucidar esse mistério, e ver o misterioso Homem da Areia.

O Homem da Areia me tinha posto na pista do maravilhoso, do fantástico, que se abrigam naturalmente no espírito das crianças. Nada me dava mais prazer do que escutar, ou ler, histórias aterrorizantes de feitiçeiras, anões e duendes. Mas em primeiro lugar, vinha o Homem da Areia, que eu retratava por meio de desenhos horríveis, estranhos, nas mesas, nos armários, nos muros, com giz ou carvão.

Quando fiz dez anos, mamãe me tirou do quarto das crianças e me cedeu um quarto pequeno, que dava para o corredor, perto do gabinete do papai.

Tão logo soavam as nove horas, escutávamos o desconhecido chegar e tínhamos de nos recolher rapidamente. Lá de meu quarto o ouvia entrar no gabinete de papai, e, em seguida, tinha a impressão de que um vapor diáfano, com cheiro estranho, se espalhava pela casa. Minha curiosidade crescia, bem como a coragem e determinação de conhecer a qualquer preço o Homem da Areia. Jamais, deslizando de meu quarto até o corredor, após mamãe passar, conseguia pegá-lo de surpresa, pois já tinha entrado assim que eu chegava ao local de onde poderia vê-lo. Afinal, impulsionado por irresistível desejo, resolvi me esconder oportunamente no próprio gabinete de papai e aguardar o Homem da Areia.

Certa noite, por causa da tristeza de mamãe e do mutismo de papai, percebi que o Homem da Areia deveria chegar. Finjo estar muito cansado, saio da sala antes das nove horas e me escondo num cantinho perto da porta do gabinete de papai. A porta da rua gemeu nos gonzos, passos lentos, arrastados, sonoros, atravessam o vestíbulo em direção da escada. Mamãe passa apressadamente por mim, conduzindo as crianças. Com cuidado, abro a porta do gabinete de papai. Ele estava sentado normalmente, em silêncio, com as costas voltadas para a porta e não me viu. Fui, na ponta dos pés, me esconder atrás da cortina que dissimula um guarda-roupa, colocado bem perto da porta, onde papai pendura as vestimentas.

Os passos ressoam cada vez mais próximo e escuto tosse, pigarro, estranho murmúrio. Meu coração bate com força, por causa da ansiedade e da espera. Bem perto da porta, um passo retumbante. A maçaneta gira com violência, as dobradiças rangem e a porta é aberta ruidosamente. Embora sentindo medo, ponho a cabeça de fora, com prudência. O Homem da Areia está no meio do gabinete defronte a papai, o clarão das velas ilumina seu rosto. O Homem da Areia, o terrível Homem da Areia, é o velho advogado Coppelius, que às vezes almoça conosco!

Porém a mais horrível aparição não me causaria tanto espanto quanto me causou este Coppelius. Imagine um homem grande, de espáduas largas, enorme cabeça deformada, com rosto lívido, sobrancelhas peludas e grisalhas, embaixo das quais rebrilham dois olhos verdes, arredondados como os dos gatos, o nariz gordo, grande, que tomba sobre o lábio superior. A boca torta, que se contorce mais ainda ao compor um sorriso, quando se formam duas manchas escarlates nas bochechas. Um som estranho, rangente, que sai por entre os dentes cerrados.

Coppelius vestia sempre um sobretudo cinzento, de corte antigo, paletó e culote também cinzentos, meias pretas e sapatos com fivelas de *strass*. Pequena peruca mal cobre seu pescoço, dois rolos postiços se elevam acima de suas enormes orelhas vermelhas, grande laço bem apertado balança perpendicularmente à sua nuca, deixando ver a fivela de prata fechar a gravata pregueada. Todo um conjunto horrível e repelente.

Mas, o que nos chocava mais, crianças, eram suas mãos nodosas, peludas, nos inibindo de comer o que tocassem. Ele tinha percebido isso e se divertia tocando com as mãos, sob qualquer pretexto, o pedaço de bolo ou a fruta madura que nossa boa mãe tivesse posto em nossos pratos. Nós, olhos cheios de lágrimas, com horror e nojo, não conseguíamos comer a gulodice destinada ao nosso prazer. Fazia o mesmo em dias de festa, quando papai nos dava um cálice de vinho açucarado. Passava rapidamente a mão pela borda do cálice ou o conduzia até seus lábios azulados, rindo diabolicamente ao ver que ousávamos demonstrar nossa irritação por meio de contidos soluços.

Nos chamava sempre de “pequenas bestas” e nos proibia de abrir a boca em sua presença. Nós amaldiçoávamos este homem odioso, repulsivo, que estragava nosso prazer quando bem queria.

Mamãe parecia odiar tanto quanto nós o repelente Coppelius, pois, tão logo ele aparecia, sua doce alegria e maneiras suaves se transformavam em melancolia. Papai o tratava como ente superior, de quem se deve suportar as manias e a quem não se pode irritar. Bastava dizer uma palavra e seus pratos preferidos eram feitos e vinhos raros abertos em sua homenagem.

Ao ver Coppelius, me dei conta da verdade, terrível, ameaçadora: O Homem da Areia só podia ser ele! Contudo, o Homem da Areia não era mais – para mim – aquele espantalho da história da governanta, que roubava olhos de crianças para alimentar sua ninhada de corujas na lua. Não! Era um monstro fantástico, odioso, e que, por onde passava, levava a tristeza, a tormenta, a perdição neste mundo e no outro.

Eu permanecia estático, como se estivesse enfeitiçado, correndo o risco de ser punido se descoberto, cabeça para fora da cortina. Papai recebeu Coppelius solenemente.

– Mãos à obra! – Coppelius berrou com voz rascante, enquanto tirava o sobretudo.

Papai, silencioso, taciturno, sacou o roupão, e os dois vestiram longas túnicas negras. Não reparei de onde as tiraram, papai

abri um armário embutido de duas portas e descobri não ser o armário e, sim, um nicho negro com forninho. Coppelius aproximou-se dele, uma flama azul crepitou na lareira. Todos os tipos de estranhos utensílios estavam esparsos por lá. Meu Deus! Quando meu velho pai se inclinou sobre o fogo, me pareceu transformado. Uma dor atroz e convulsiva contraíra suas feições honestas e doces, metamorfoseando-as numa máscara feia, repelente, do demônio. Estava parecido com Coppelius! Esse brandia tenazes incandescentes para retirar da fumaceira espessa massas brilhantes e claras, as quais em seguida martelava com força. Tive a impressão de perceber à sua volta rostos humanos, mas sem os olhos, com espantosas cavidades negras e profundas em seu lugar.

– Olhos! Dê-me olhos! – gritava Coppelius com voz surda, ameaçadora.

Violento pavor me fez gritar muito alto. Saí de meu esconderijo e tombei sobre o soalho. Coppelius me segurou:

– Pequena besta! Pequena besta! – rosnava por entre os dentes.

Subitamente, me levantou e jogou-me na lareira, as chamas queimando meus cabelos.

– Nós temos olhos agora. Olhos. Belo par de olhos de criança – ciciava Coppelius.

Agarrou nas mãos um punhado de brasas ardentes para jogá-las em meus olhos. Então, papai ergueu as mãos unidas e suplicou:

– Mestre! Mestre! Deixe os olhos de meu Natanael!

Coppelius riu barulhentosamente e gritou:

– Está bem! Que ele conserve seus olhos! Que ele soluce durante todo o seu penar por este mundo! Mas vamos observar de perto o mecanismo das mãos e dos pés!

Então me segurou com força, fazendo minhas articulações estalarem, e girou minhas mãos e meus pés e os tornou a girar, para lá e para cá:

– Não é bem isso! Antes estava melhor! Este velho conhece seu ofício!

Ao murmurar assim, Coppelius silvava também por entre os dentes, mas à minha volta tudo se tornou confuso, sombrio. Súbita convulsão sacudi meus ossos e nervos e desmaiei.

Um hálito doce e quente bafeja-me a face, me despertando do sono da morte. Mamãe se inclinava sobre mim.

– O Homem da Areia ainda está aí? – balbuciei.

– Não, meu querido. Já foi há muito tempo. Não vai mais machucar você – dizia mamãe, enquanto beijava, acariciava seu filho renascido.

Por que vou continuar fatigando você, Lothar, contando todos esses detalhes, quando tenho tantas outras coisas importantes para narrar? Em suma, fui descoberto e cruelmente maltratado por Coppelius. A ansiedade e o medo me causaram forte febre que me atirou na cama durante semanas.

– O Homem da Areia ainda está aí? – foram minhas primeiras palavras racionais, o sinal da minha recuperação.

Ainda me falta narrar o pior momento de minha infância, e você ficará convencido de que não é necessário culpar meus olhos se tudo me parece descolorido, mas sim à fatalidade sombria que estendeu – realmente – em torno de minha vida um véu de nuvens opacas, que eu talvez só consiga dissolver através de minha morte.

Coppelius nunca mais apareceu. Disseram que tinha saído da cidade.

Um ano se passou. Certa noite, estávamos sentados em torno da mesa redonda, segundo nosso velho, invariável costume. Papai, muito feliz, nos contava histórias engraçadas a respeito das viagens que tinha feito em sua mocidade. Ao bater das nove horas, escutamos a porta da rua girar nos gonzos e passos lentos e pesados atravessarem o vestibulo e subirem a escada.

– É Coppelius! – disse mamãe empalidecendo.

– Sim. É Coppelius – confirmou papai com a voz embargada. Mamãe tinha lágrimas nos olhos:

– Mas, pai – ela se lamuriou. – É necessário que venha aqui?

– Pela última vez – ele respondeu. Pela última vez, eu juro. Mas vai com os garotos! Boa noite!

Fiquei petrificado, não conseguia respirar direito. Mamãe me puxou pelo braço, ao me ver estático:

– Vem, Natanael!

Deixei que me conduzisse até o quarto.

– Fica tranquilo. Fica tranquilo e dorme. Dorme! – disse-me quando saía.

Porém, atormentado pela angústia, presa de profunda inquietação, indescritível, não consegui fechar os olhos. Via diante de mim o odioso, horroroso Coppelius a mirar-me com olhos faiscantes e rir com expressão sinistra. Em vão, tentei pensar em outra coisa.

Perto da meia-noite, estrondo violento, qual arma de fogo, ribombou pela casa. Roçar de passos defronte à porta de meu quarto. Em seguida, a porta da rua foi fechada estrepitosamente.

– É Coppelius! – gritei, já fora de mim, pulando da cama. Ouvia-se um gemido. Depois, lamentações agudas, desesperadas. Corri para o gabinete de papai. A porta estava aberta, uma fumaceira sufocante me envolveu, a empregada gritou:

– Ai! Meu patrão! Meu patrão!

Papai estirado no chão. Morto. Defronte ao forninho fumegante. Seu rosto, horrivelmente desfigurado, estava queimando, negro. Minhas irmãs choravam, gritavam de dor à sua volta. Mamãe desmaiara.

– Coppélius! Satanás amaldiçoado! Você matou meu pai! – soluzei até perder os sentidos.

Dois dias depois, quando colocaram papai no caixão, suas feições haviam readquirido a calma, a bondade de sempre. O que me consolou, pois imaginei que sua aliança com o diabólico Coppélius o tivesse condenado à danação eterna.

A explosão tinha acordado os vizinhos. A notícia do acontecimento se espalhou, chegando aos ouvidos das autoridades, que tentaram intimar Coppélius a depor. Mas ele desapareceu sem deixar vestígios.

Agora, se lhe digo que o vendedor de barômetros era o infame Coppélius, ele não poderá como presságio de acontecimentos funestos. Usava outras roupas, mas as feições de Coppélius estão impressas indelevelmente em minha memória. Daí, sei que não estou enganado. Aliás, ele nem trocou de nome. Pelo que me contaram, diz ser aqui um mecânico piemontês, Giuseppe Coppola.

Estou determinado a enfrentá-lo e a vingar a morte de meu pai, aconteça o que acontecer.

Não fale desse terrível encontro com mamãe. Meus cumprimentos à doce, querida Clara. Escreverei para Clara no que estiver mais calmo. Adeus, então etc. etc.

1 Da peça de Schiller, *Os salteadores*, ato V, cena 1.

Clara para Natanael

É verdade que você não me escreve há muito tempo, mas estou convencida de que continua comigo no coração e na mente. Pois pensava em mim, com certeza, ao sobrescritar com meu nome uma carta para Lothar. Abri a carta com alegria, e só compreendi o equívoco ao ler estas palavras: “Ah, meu querido Lothar!”

Não deveria ter continuado a ler a carta e, sim, tê-la entregue a meu irmão. Porém, muitas vezes você tinha brincado comigo, durante minha infância, por ser tão calma e tão boa dona de casa que, se a casa ameaçasse desabar, eu teria ainda tempo de ajeitar as cortinas antes de fugir. Entretanto, nem preciso dizer: o começo da carta me deixou profundamente transtornada. Nem podia respirar direito, tudo se embaralhava à minha volta. Ah, meu querido Natanael, o que seria aquela coisa terrível que tinha acontecido com você? Nossa separação, a possibilidade de nunca mais nos revermos? O pensamento me trespassou como aguda punhalada. Continuei a ler até o fim. Sua descrição do repelente Coppelius é pavorosa. Só então soube da morte violenta, terrível, de seu velho e bondoso pai.

Meu irmão, a quem entreguei o que lhe pertencia, tentou me tranquilizar, mas não conseguiu. O f atídico mercador de barômetros Giuseppe Coppola me perseguia incessantemente e – quase tenho vergonha de dizer – chegou até a perturbar meu sono, normalmente profundo, fazendo-me ter sonhos hor ríveis. Todavia, já no dia seguinte, tudo me pareceu melhor. Não fique, pois, rancoroso, meu bemamado, se Lothar disser a você que – a despeito de seu estranho pressentimento em relação a Coppelius – eu esteja alegre e despreocupada, como sempre.

Vou falar com toda a franqueza: creio que todas essas coisas horríveis e apavorantes, relatadas por você, existem apenas em sua imaginação e que a parcela de fatos reais e concretos é muito pequena. O velho Coppelius era, sem dúvida, muito pouco atraente e como não gostava de crianças, as crianças também começaram a não gostar dele.

Era natural que sua mente de criança associasse o terrível Homem da Areia, da história da governanta, ao velho Coppelius, o qual, mesmo se você não acreditasse no Homem da Areia, permanece em sua memória como fantástico monstro, inimigo jurado das crianças. Seu comportamento misterioso, durante a noite, em companhia de seu pai, queria dizer, apenas, que eles praticavam alquimia, secretamente. O que não podia deixar de afligir sua mãe, pois deviam gastar muito dinheiro com isso. Sem contar o fato de que – como acontece aos pesquisadores de laboratório –, desejoso de ter profundos conhecimentos, seu pai se afastava da família. Seu pai – por causa de alguma imprudência – causou a própria morte e Coppelius não é culpado disso.

Sabe, ontem perguntei ao nosso vizinho, o boticário, que tem muita experiência, se esse tipo de manipulação química poderia causar explosões mortais e súbitas. “Sem dúvida”, me respondeu, descrevendo com sua maneira verborrágica e detalhada como isso poderia acontecer, empregando grande número de palavras bizarras, que não pude reter em minha memória.

Agora você vai ficar zangado com sua Clara. Você vai dizer: o espírito gélido de Clara é insensível à radiação do mistério, que tantas vezes envolve o homem com seus braços invisíveis. Você vai dizer que ela vê apenas a superfície multicolorida desse mundo, ficando satisfeita como criança ao ver a fruta de casca dourada, que armazena em seu interior veneno mortífero.

Ah, meu querido Natanael, você não acredita, então, que até as almas serenas, francas, despreocupadas, possam abrigar o pressentimento de uma potência hostil e sombria que, oculta lá dentro de nós, tenta nos destruir?

Mas desculpe esta jovem simples, se ousar tentar fazer você inferir o que penso desses tormentos interiores. Sem dúvida, não conseguirei encontrar palavras adequadas e você vai debochar de mim, não por causa de minhas ideias, mas da maneira desastrosa com que as exprimo.

Se existe potência que seja pérfida, sinistra e hostil em seus objetivos, e que tenha conseguido colocar dentro de nós sua garra para nos apreender e nos arrastar por caminho perigoso, nefasto – o qual espontaneamente não percorreríamos –, se tal potência realmente existe, teria de se desenvolver dentro de nós mesmos, enquanto nós evoluímos. Teria de ocupar o nosso *eu*. Só assim nós acreditaríamos nela, cedendo-lhe o que necessita para cumprir sua missão secreta. Se tivermos bastante firmeza e o espírito alimentado pelas coisas luminosas da vida para conhecermos o que é, em verdade, esta influência estranha e hostil e para seguirmos firmemente pelo caminho onde nos levam nossos gostos e nossa vocação, então esta potência sinistra se cansa com o esforço que faz para se apropriar de nossas características e se apresentar a nós como nosso próprio reflexo num espelho.

É também certo, acrescenta Lothar, que esta sombria força material, desde que nos abandonemos voluntariamente a ela, atrai e fixa em nós certas imagens estranhas que o mundo exterior joga em nosso caminho. De tal maneira, que somos nós mesmos que aticamos o espírito que parece falar através destas formas, exatamente como nós temos a loucura de as imaginar. É o fantasma de nosso próprio *eu* que, através de seu íntimo relacionamento conosco e de sua profunda influência sobre nossa alma, nos precipita no inferno ou nos transporta aos céus.

Você bem vê, meu querido Natanael, nós conversamos em profundidade, eu e Lothar, sobre as forças e as potências obscuras, e ainda que o problema permaneça misterioso para mim, penosamente lhe expus o essencial. Não consegui

compreender bem as últimas palavras de Lothar, praticamente adivinhei o que desejava dizer. Parece-me, todavia, que tem razão.

Suplico a você: tire de sua cabeça o feio advogado Coppelius e o mercador de barômetros Giuseppe Coppola. Convença-se de que tais pessoas não têm poder sobre você. É acreditando nos hostis poderes deles que você pode, em verdade, torná-los nefastos. Se sua carta não demonstrasse em todas as linhas a profunda confusão de sua alma, se o seu estado não me afligisse até o fundo do coração, eu poderia, afinal, brincar a respeito do Homem da Areia advogado e do mercador de barômetro Coppelius. Readquira, eu lhe peço, a serenidade! Resolvi ser o seu gênio tutelar e se o terrificante Coppola viesse atormentar você em sonhos, eu o expulsaria com grandes explosões de riso. Não temo, nem um pouquinho, nem ele nem suas terríveis mãos. Advogado, não me convenceria a me privar de gulodice; Homem da Areia, não me arrancaria os olhos.

Sempre sua, meu bem-amado Natanael, etc. etc.

Natanael para Lothar

Foi muito desagradável para mim Clara ter aberto e lido a carta que escrevi para você recentemente, embora fosse equívoco provocado por distração minha.

Ela me escreveu uma carta recheada de filosofia abstrusa, em que, abreviadamente, me demonstra que Coppelius e Coppola só existem em minha mente, fantasmas de meu próprio *eu*, e se transformarão em pó desde que eu os reconheça como pó. Aliás, é difícil acreditar que esse espírito – que cintila às vezes como um sonho doce e gracioso, lá no fundo daqueles olhos de criança, claros e sorridentes – seja capaz de distinções tão teóricas e pedantes. Invoca a sua autoridade. Vocês falaram de mim. Portanto, você dá a ela cursos de lógica para ensinar-lhe que tudo deve ser dissecado e passado pela peneira. Não tenha esse cuidado. Aliás, é evidente que o mercador de barômetros Giuseppe Coppola não é, absolutamente, o velho advogado Coppelius. Estou no curso de física de um professor que acaba de chegar aqui. Tem o mesmo nome do célebre naturalista Spalanzani² e é de origem italiana. Já conhece Coppola há muitos anos. Aliás, o sotaque dele trai sua origem piemontesa. Coppelius era alemão, mesmo não sendo alemão de verdade, segundo me parece. Não me sinto totalmente tranquilo. Você e Clara têm razão ao me considerarem sonhador e hipocondríaco, pois não consigo me livrar da impressão que me produz o maldito rosto de Coppelius. Estou feliz, pois saiu da cidade, segundo me disse Spalanzani.

Esse professor tem o corpo curioso. É um homenzinho rechonchudo, com pômulos salientes, nariz delgado, lábios cheios, olhos pequenos e penetrantes. Mas você poderá conhecê-lo melhor através do retrato de Cagliostro feito por Chodowiecki num almanaque de Berlim.³ Spalanzani se parece com o retrato.

Recentemente, subindo pela escada, me dei conta de que uma cortina de renda guipure, em geral corrida por cima de uma porta envidraçada, deixara fresta do lado. Não sei por que, dei uma olhada. Uma jovem de porte encantador, grande, esbelta, magnificamente vestida, estava sentada na sala, defronte a uma mesinha, onde descansa seus braços, as mãos juntas.

Ela estava de frente para a porta. Assim, pude ver todo o seu rosto angelical. Aparentemente, não reparou em mim, e seus olhos pareciam parados, como se não tivessem vida, ou como se estivesse dormindo com os olhos abertos. Não me senti à vontade e me esgueirei para o anfiteatro vizinho. Mais tarde, soube que era a filha de Spalanzani, Olímpia, a quem esconde com tanto cuidado que ninguém se aproxima dela. Afinal, talvez ele tenha alguma razão, ela pode ser idiota ou qualquer coisa assim. Por que escrevi tudo isso para você? Poderia ter contado tudo isso melhor, e com mais detalhes, pessoalmente. Pois estarei aí dentro de quinze dias. Preciso ver meu querido anjo, minha doce Clara. Quando então se dissipará – confesso – o mal-estar que senti ao ler a sua carta. Por isso, não lhe escreverei hoje.

Minha amizade etc. etc.

Seria impossível inventar algo mais estranho e mais surpreendente do que o sucedido com meu pobre amigo, o estudante Natanael, e que resolvi contar para você, amável leitor.

Alguma vez, seu coração, espírito, pensamento estiveram concentrados em uma só coisa, que o impedisse de ter qualquer outra preocupação? Você se sentia fermentar e ferver e o sangue, em ebulição, palpitava nas veias, realçando a cor da face. Seu olhar estranho parecia querer apreender no espaço vazio formas invisíveis a todos os outros olhos e suas palavras se extinguíam em suspiros inquietantes. E seus amigos perguntavam:

– O que aconteceu, meu caro? O que é que você tem?

E você se esforçava para descrever sua visão interior e seu colorido quente e suas sombras e luzes, tentando entrar no assunto. Mas tinha a impressão de que seria necessário mostrar, logo, com suas primeiras palavras, tudo o que você carregava de estranho, magnífico, horrível, alegre, aterrorizante, para ferir instantaneamente os ouvintes, como se fosse descarga elétrica. Todavia, todas as expressões, tudo o que se exprime em palavras parecia incolor, glacial e morto para você.

Tentava procurar, balbuciar, pedinchar palavras. Mas as tolas perguntas de seus amigos, como ventos gelados, abaixavam seu fogo interior, até apagá-lo. Se anteriormente, como pintor audacioso, você tivesse esboçado com grandes traços atrevidos os contornos de sua visão interior, seria fácil, então, ir acrescentando cores cada vez mais quentes, e a multidão de formas diversas entusiasmaria seus amigos, que se veriam, como você mesmo, retratados no quadro que jorrou de seu coração.

Devo confessar, amável leitor, que ninguém me interrogou a respeito da história do jovem Natanael. Entretanto você sabe, sem dúvida: pertencem a essa linhagem singular de escritores que não conseguem carregar consigo tais ideias sem imaginar, prontamente, que todos os que estão perto deles, até mesmo o mundo inteiro, gostariam de lhes perguntar:

– O que aconteceu, hein? Conte-nos tudo, meu caro!

Assim, tive o desejo furioso de contar a você o destino fatal de Natanael. Sua história, singular e maravilhosa, absorvia meus pensamentos e, como me seria necessário preparar você – ó meu leitor! – para admitir o fantástico, o que não é tarefa fácil, me atormentava para que a saga de Natanael tivesse começo impressionante, original, empolgante.

“Era uma vez...” É o mais belo começo para qualquer narrativa, mas é muito prosaico.

“Na pequena cidade do interior, S. vivia...” é um pouco melhor, permitindo, pelo menos, certa gradação. Ou me colocando

imediatamente *medias in re*: “Vá para o diabo que o carregue!” – gritou o estudante Natanael, com o olhar alucinado, cheio de furor e medo, quando o mercador de barômetros Giuseppe Coppola...“ Tinha acabado de escrever essas palavras, quando percebi: o olhar furioso do estudante Natanael tinha qualquer coisa de cômico. Ora, minha história não tem nada risível. Eu não conseguia compor o discurso que pudesse refletir – apenas um pouquinho – as cores ardentes de minha visão interior.

Então, resolvi *não começar* a história. Meu caro leitor, você terá a bondade de considerar as três cartas, que o amigo Lothar teve a gentileza de me mostrar, como esboço da imagem que tentarei colorir, cada vez mais. Talvez eu consiga, como bom retratista, captar algumas fisionomias tão bem que, mesmo sem conhecer o original, você as julgará parecidas, chegando a acreditar tê-las visto pessoalmente. Talvez – ó meu leitor – você chegue até a pensar que não exista nada mais extraordinário ou mais louco do que a vida real, e que apenas o poeta esteja capacitado a apreendê-la, como se fosse vago reflexo de espelho mal polido.

Para esclarecer imediatamente o que é necessário saber, acrescentarei àquelas cartas: logo após a morte do pai de Natanael, Clara e Lothar, filhos de um parente afastado, que também morrera deixando-os órfãos, foram acolhidos pela mãe de Natanael. Natanael e Clara sentiam forte atração mútua, à qual ninguém objetava. Assim, eles eram noivos, quando Natanael deixou sua casa para estudar em G. Sua última carta estava datada dessa cidade, onde assistia às aulas do célebre físico Spalanzani.

Neste momento, poderia continuar tranquilamente meu relato. Mas a imagem de Clara está vivamente presente em meus olhos e não consigo desviar dela o olhar, como fazia sempre que me mirava com gracioso sorriso. Clara não podia ser considerada bela, segundo parecer dos que fazem ofício de juizes da beleza. Mas os arquitetos elogiavam as felizes proporções de seus membros, os pintores julgavam muito sóbrios os contornos da nuca, espáduas e seios, embora ficassem encantados com a suntuosa cabeleira de Madalena e se apaixonassem pelo colorido de Battoni.⁴ Um deles, sonhador famoso, comparava, bizarramente, seus olhos a um lago de Ruysdael em que se refletem o azul puro de céu sem nuvens, as flores dos bosques e toda a animação colorida, alegre da paisagem. Mas os poetas e músicos iam mais longe, dizendo:

– O quê? Um lago? O quê? Um espelho? Pode-se ver esta jovem sem que seu olhar esplendoroso derrame sobre nós cantos, acordes celestiais e maravilhosos que penetram nossa alma, onde tudo se eleva e desperta com um contato? Se o que cantamos não tem valor é porque nós próprios não temos valor, eis o que podemos ler com precisão no sorriso vivo, bailando nos lábios de Clara, ao cantarolarmos em sua presença alguma coisa que imaginamos seja canto, mesmo sendo apenas sons esparsos, que se entrecroçam confusamente.

E era verdade. Clara tinha a imaginação de uma criança alegre, singela, pura; a alma profunda, terna, de mulher; a inteligência límpida e muito discernimento. Os espíritos obtusos não conseguiam lhe ser agradáveis, pois sem falar muito – o que não fazia parte de seu caráter quase taciturno – seu olhar claro e o pronto sorriso irônico lhes diziam:

– Caros amigos, como podem imaginar que eu sinta como sendo reais, dotadas de vida e de movimento, visões nebulosas e vagas?

E por causa disso, Clara tinha fama de ser fria, insensível e prosaica. Mas outros que sabem captar a vida com sua transparente profundidade, consideravam a jovem sensível, razoável e franca; e desses, nenhum mais do que Natanael, cujos pensamentos se movimentavam com vigor e serenidade, no mundo da arte e da ciência. Clara estava ligada com todo o coração a seu bem-amado; as primeiras sombras que escureciam sua vida apareceram no momento em que a deixou. Com que deslumbramento ela se joga em seus braços, quando ele retor na à cidade natal, confor me prometera a Lothar em sua última carta! E foi tudo como Natanael esperava, pois, desde o momento em que viu Clara, não pensou mais no advogado Coppelius, nem na carta racional dela. Todas as preocupações desapareceram.

Mas Natanael tinha razão, quando escreveu para seu amigo Lothar dizendo que o repugnante mercador de barômetros havia se introduzido em sua vida como poder hostil. Pois todos notaram, já nos primeiros dias, que Natanael parecia diferente. Mergulhava em divagações inquietantes, apresentava excentricidades não habituais em seu comportamento. Todos os seres, e a vida inteira, não eram mais do que visões e presságios para ele. Repetia sem cessar: todo homem que se julga livre é apenas juguete de potências tirânicas e ferozes, às quais é inútil resistir. E não há mais nada a fazer, senão nos submetermos humildemente ao que o destino resolveu nos impor. Chegava até a afirmar: é loucura acreditarmos que a criação – nas artes e nas ciências – seja ato livre da vontade, pois o entusiasmo necessário para criar não parte de nós, sendo desencadeado pela ação de algum princípio superior, externo a nós.

A exaltação mística repugnava ao racionalismo de Clara, mas parecia inútil tentar refutá-la. Era necessário que Natanael tentasse demonstrar: Coppelius era o princípio do mal e tinha se apropriado dele, Natanael, no momento daquela espera atrás da cortina, e que o odiento demônio ainda perturbaria irremediavelmente a felicidade amorosa deles, para Clara, então, se tornar muito séria e dizer:

– Sim, Natanael, você tem razão. Coppelius é princípio maligno, princípio hostil. Pode fazer coisas horríveis, é potência diabólica que entrou em sua vida, mas apenas enquanto não o banir de seu espírito e de sua mente. Enquanto você acreditar nele, existirá e atuará. Todo o poder dele vem de sua crença nisso.

Natanael, irritado com Clara, que só admitia a existência deste demônio no interior dele mesmo, quis, então, ensinar-lhe a

doutrina mística dos demônios e das potências terríveis. Clara, vexada, pôs fim à conversa, falando de outro assunto completamente anódino, para despeito de Natanael. Ele, ao crer que esses mistérios eram impenetráveis às almas frias e teimosas, não se deu conta de que situava Clara entre pessoas inferiores, embora não renunciasse à tentativa de insistir no assunto.

Já pela manhã, no que ela ajudava a fazer café, permanecia perto dela, lendo passagens escolhidas de livros místicos, até que ela suplicasse:

– Mas meu querido Natanael, imagine que eu finja que você é o espírito maligno que perturba o meu café! Pois se eu largasse todas as minhas ocupações para ficar olhando você como deseja, enquanto me faz uma conferência, o café se queimaria no fogo e não teríamos nada para comer.

Natanael fechou bruscamente o livro e se trancou no quarto, envergonhado. Antigamente, possuía certo talento para escrever narrativas interessantes e vivas, e Clara tinha muito prazer em ouvi-las; mas agora, tudo o que produzia era em tom sombrio, ininteligível, disforme, e mesmo que Clara não dissesse explicitamente, se dava conta disso.

Nada era mais cansativo para Clara do que assuntos entediantes; olhares e palavras demonstravam, então, sua irresistível vontade de dormir. Ora, as invencionices de Natanael eram profundamente fatigantes e a irritação que ele sentia por causa do espírito frio e prosaico de Clara aumentava a cada dia. Por outro lado, Clara não conseguia vencer a aversão por aquele misticismo sombrio, triste e cansativo de Natanael. Por isso, foram se afastando lentamente, sem reparar nisso.

A imagem do repelente Coppélius foi empalidecendo na imaginação de Natanael – que percebeu isso – e muitas vezes precisava se esforçar para o colorir mais fortemente em seus poemas, em que o retratava como inacreditável espantalho. Por fim, pensou compor um poema que falasse do sombrio pressentimento que tinha: Coppélius seria fatal à sua felicidade.

Imaginava estar ligado a Clara por amor sincero, mas, às vezes, parecia que um punho negro intervinha em suas vidas para ter minar com aquela alegria apenas esboçada. No próprio dia em que se casavam, surge o horrível Coppélius, que toca os olhos encantadores de Clara. Eles pulam fora no mesmo instante e quicam no peito de Natanael como fagulhas sangrentas, queimando tudo em que batem.

Coppélius segura Natanael e o joga numa roda de fogo, que girava como furacão, arrastando-o barulhentemente, o estrondo de uma tempestade que chicoteia ferozmente vagas escumosas, erguidas como gigantes negros de cabeça branca, em luta furiosa. Mas em meio a essa algazarra selvagem, escuta a voz de Clara gritando:

– Então você não me enxerga? Coppélius o enganou. Não foram meus olhos que queimaram seu peito. Foram as gotas ardentes de seu próprio sangue. Ainda tenho os olhos, veja! Natanael pensa: “É Clara. Será minha por toda a eternidade!” Então, imagina que o pensamento penetra com força no círculo de fogo, travando sua rotação. A barulheira diminui de intensidade e se perde no abismo negro. Natanael olha para os olhos de Clara, mas é a morte que olha para ele calmamente, com os olhos de Clara.

Enquanto imaginava o poema, Natanael permanecia muito calmo e seguro de si. Polia e corrigia cada linha submisso à construção do verso, sempre desejando que todo o conjunto ficasse perfeitamente coeso, harmônico e bem composto. Mas ao terminar o poema e relê-lo em voz alta, sentiu-se tomado de pavor e inacreditável inquietação. Lamuriou-se:

– Que voz é essa, tão apavorante?

Logo em seguida, o trabalho lhe pareceu, em suma, poema plenamente realizado e acreditou que conseguiria inflamar a alma gélida de Clara, ainda que não percebesse por que seria necessário inflamar Clara e para que serviria apavorá-la com imagens terríficas, que previam destino cruel e destrutivo em relação ao amor deles.

Natanael e Clara estavam sentados lado a lado no pequeno jardim da casa, Clara muito contente, pois há três dias – enquanto compunha o poema

– Natanael não a persegue com sonhos e presságios. Natanael também falava alegre e vivamente de coisas interessantes, até Clara lhe dizer:

– Por fim, reencontro você. Viu só como conseguimos esquecer o horrível Coppélius?

Neste momento, Natanael se lembrou de que trazia o poema e quis lê-lo. Tira-o do bolso e começa a leitura. Como sempre, Clara não se preocupou com coisas entediantes. Resignadamente, começou a tricotar. Mas como a nuvem sombria escurecia cada vez mais, para de tricotar e fica olhando Natanael fixamente: empolgado por seu poema, lágrimas lhe escorriam dos olhos e uma chama interior coloria as suas faces. Ao terminar, suspira, segura a mão de Clara e geme como se sofresse dor inconsolável:

– Ah Clara! Clara, Clara, Clara!

Clara o cerrou contra o colo e lhe disse com voz doce, embora grave e lentamente:

– Natanael, meu bem-amado Natanael! Joga fora esse poema absurdo, demente, insensato!

Natanael dá um salto, indignado, e grita, empurrando Clara:

– Autômato maldito, sem vida!

Afastou-se, correndo, enquanto Clara, profundamente ofendida, chorava com amargor: “Ai! Ele nunca me amou, pois não me compreende.”

Lothar entra no caramanchão e Clara teve de narrar o que tinha acontecido. Ele amava sua irmã de todo o coração e cada

queixa dela queimava como brasa e o descontentamento que sentia há muito tempo por Natanael ia se transformando em cólera violenta.

Foi atrás de Natanael e o recriminou pela conduta absurda em relação à sua bem-amada irmã, utilizando palavras duras, que foram replicadas por Natanael, já pegando fogo também.

“Fátuo, quimérico, insensato”, dizia um. “Pobre de espírito, homem vulgar”, dizia o outro. Resolveram duelar atrás do jardim, na manhã seguinte, com espadas afiadas, conforme costume local dos estudantes. Eles iam para cá e para lá, sombrios e mudos. Clara tinha escutado a violenta discussão e visto o mestre-d’armas trazer à noite as espadas. Ela percebeu o que iria acontecer.

No local do duelo, Natanael e Lothar sacam os sobretudos e permanecem calados, inquietos. Quando iam se jogar um contra o outro, Clara chegou correndo pela passagem do jardim. Ela soluçava ao gritar:

– Homens brutais, aterrorizantes! Matem-me agora, antes de se baterem em duelo! Como poderia continuar a viver neste mundo se meu noivo matasse meu irmão, ou meu irmão matasse meu noivo?

Lothar deixa cair a arma, abaixando os olhos sem dizer nada, enquanto todo o amor que Natanael sempre sentiu pela encantadora Clara, durante os mais belos dias de sua juventude, ressuscita, envolto por dilacerante melancolia. A arma mortífera cai de sua mão, e se joga aos pés de Clara:

– Clara, minha bem-amada, meu único amor. Poderá me perdoar? Lothar, meu querido irmão. Poderá me perdoar?

Lothar emocionou-se com a profunda dor de seu amigo. Sob uma torrente de lágrimas, os três, reconciliados, se abraçaram, jurando nunca mais se separarem, vivendo com fidelidade e afeição constantes.

Parecia a Natanael que tinha sacudido a pesada carga que o curvava até o chão e que, ao resistir à potência sombria e carcerária, tinha salvo seu ser do aniquilamento. Após mais três dias felizes junto a quem amava, retornou a G., onde teria de permanecer mais um ano, para, em seguida, regressar definitivamente à cidade natal.

Tinham escondido de sua mãe os fatos relacionados com Coppelius, pois sabiam que ela só pensava nele com horror. Realmente, como acontecia com Natanael, ela julgava Coppelius responsável pela morte do marido.

Quando Natanael quis entrar em seu apartamento, ficou estupefato! A casa pegara fogo e unicamente as paredes estavam de pé. Amigos corajosos e robustos tinham conseguido penetrar a tempo no quarto de Natanael, situado no andar de cima, salvando seus livros, manuscritos e instrumentos, embora o fogo tivesse eclodido no laboratório do boticário que vivia no andar inferior e se espalhado de baixo para cima. Carregaram tudo para a casa vizinha, lá alugando um quarto, onde Natanael se instalou imediatamente.

Não deu maior importância ao fato de que o professor Spalanzani morasse na casa defronte e que poderia olhar da sua janela o quarto em que Olímpia ficava, muitas vezes sozinha, reconhecendo nitidamente sua silhueta, embora as feições se tornassem confusas, indistintas.

Porém, notou que Olímpia permanecia sentada numa pequena mesa durante horas, na mesma posição, sem fazer nada, do mesmo jeito em que a vira anteriormente, através da porta de vidro, que ela mirava incessantemente.

Julgou não ter visto talhe mais bonito. Mas, sempre pensando em Clara, esta Olímpia rígida, estática, não o emocionava. Só tirava os olhos do livro de tempos em tempos a fim de olhar desinteressadamente para aquela bela estátua. E só.

Ia começar a escrever para Clara, quando bateram suavemente à porta. Mandou que entrassem e surge o rosto repugnante de Coppola. Natanael estremeceu, mas lembrou-se do que Spalanzani dissera de seu compatriota Coppola e do que tinha solenemente prometido à sua noiva em relação a Coppelius, o Homem da Areia, e se sentiu envergonhado de seu medo infantil de fantasmas. Fez esforço para se controlar e disse com voz suave e calma:

– Não quero comprar barômetros, meu amigo. Vá embora!

Coppola, porém, entrou de vez no quarto e disse com voz surda, a grande boca se torcendo num sorriso pavoroso, enquanto os olhinhos perfurantes rebrilhavam debaixo dos longos cílios acinzentados:

– Ah! Barômetros non, barômetros non! Mas eu tere occhi também per vendere. Zoios lindos!

Espantado, Natanael já gritava:

– Você é maluco! Como é que pode ter olhos? Olhos? Olhos?

Coppola se desembaraçou dos barômetros, enfiou os dedos nos enormes bolsos e sacou óculos e lornhões, colocando-os sobre a mesa:

– He-he-he! Lunetas de nariz! Occhi beli! Enquanto falava, ia tirando mais lunetas e mais outras de seus bolsos, até que a mesa ficou toda cintilante, mar de reflexões multicoloridas.

Milhares de olhos pareciam dardejar olhares reluzentes para Natanael, que não conseguia afastar os seus da mesa. Coppola sacava mais outras lunetas, e olhares faiscantes se entrecruzavam, cada vez com mais fúria, projetando clarões sangrentos, dirigidos contra o peito de Natanael.

Apavorado, loucamente apavorado, Natanael grita:

– Para, monstro!

Segurou o braço de Coppola, que já levava a mão até o bolso para sacar mais lunetas, embora a mesa já estivesse recoberta por elas. Coppola se desvencilhou calmamente dele, enquanto debochava, dizendo:

– Ah! Non vuoi luneta! Ma eu ter lonhone!

Já tinha guardado todas as lunetas e já sacava binóculos de outro bolso, grandes e pequenos. Natanael ficou mais calmo, logo que as lunetas foram guardadas, e, pensando em Clara, convenceu-se de que esse pesadelo era fruto de seu cérebro. Coppola não era mais um mágico ou aparição apavorante, apenas honesto oculista, nada tendo a ver com Coppelius. Além disso, os binóculos que Coppola colocara sobre a mesa não tinham nada de especial, sobretudo não eram fantásticos como as lunetas e lornhões.

Então, para não ficar mal, resolveu comprar qualquer coisa de Coppola. Apanhou uma pequena luneta de bolso, delicadamente trabalhada, olhando pela janela, a fim de testá-la.

Nunca tinha visto lentes que aproximassem os objetos com tanta pureza, acuidade e perfeição.

Sem querer, olhou para o quarto de Spalanzani. Olímpia estava sentada, como sempre, defronte à mesinha, braços à frente, as mãos juntas. Só então Natanael reparou nos traços admiráveis do rosto de Olímpia. Apenas os olhos lhe pareceram estranhamente fixos, mortos. Mas como olhasse insistentemente para ela através da luneta imaginou que dos olhos de Olímpia se desprendessem vaporosos clarões lunares. Parecia que a vida voltava para eles, pois flamejavam cada vez mais vivamente, enquanto Natanael permanecia à janela, como se estivesse enfeitiçado, contemplando sem se cansar a beleza celestial de Olímpia.

Um pigarro, um arrastar de pés o acordaram de seu encantamento. Coppola estava de pé, atrás dele:

– Tre zecchini! Três ducados!

Natanael se esquecera do oculista – pagou, em seguida, o que devia.

– Buona luneta, né? – perguntou Coppola com sua voz rouca, aterrorizante e seu sorriso peculiar.

– Sim, sim – Natanael respondeu irritado. – Adeus, meu amigo!

Antes de sair do quarto, Coppola olhou Natanael de soslaio. Olhar estranho, debochado – e desceu rindo as escadas. Bem, pensou Natanael, está rindo de mim. Acho que paguei caro por esta luneta, muito caro. Enquanto pensava, teve a impressão de ouvir um estertor profundo reboar pelo quarto, sinistramente. Mas tinha sido ele mesmo que suspirara. Clara, pensou, tem razão de me considerar um idiota, mais do que um idiota, por ficar atormentado pela ideia de que paguei caro demais pela luneta.

Sentou-se em seguida, para terminar sua carta para Clara, mas uma olhada pela janela revelou que Olímpia permanecia sentada no mesmo lugar e, movido por força irresistível, deu um pulo, pegou a luneta e ficou contemplando a sedutora Olímpia, até que o companheiro e amigo Siegmund veio chamá-lo para irem à aula de Spalanzani.

Desta vez, a cortina tinha sido cuidadosamente corrida à porta do quarto fatal. Nos dois dias seguintes não viu mais Olímpia, ainda que não saísse da janela, mantendo a luneta de Coppola nos olhos. Ao terceiro dia, até a janela foi coberta por uma cortina. Desesperado, com pesar e saudade, partiu para o campo.

A imagem de Olímpia ia à sua frente, flutuando no ar, surgindo dos tufos de plantas, a olhá-lo com grandes olhos fulgurantes lá do fundo do claro riacho. A imagem de Clara tinha desaparecido totalmente de seu coração. Só pensando em Olímpia, se lamuriava, ao chorar muito alto:

– Ó meu doce astro, minha estrela amorosa, você apareceu em meu horizonte para apagar-se em seguida, me deixando apenas uma noite escura e sem esperança?

Ao voltar para casa, reparou que a residência de Spalanzani estava muito movimentada: portas às escâncaras, todo tipo de objeto era levado para dentro. As janelas do primeiro andar também estavam abertas, e pessoas atarefadas iam e vinham, espanando e varrendo com grandes vassouras de crina; tapeceiros e marceneiros batiam, martelavam. Natanael parou, no meio da rua, estupefato. Siegmund se aproximou sorrindo:

– Pois é. O que é que você me diz de nosso velho Spalanzani?

Natanael respondeu que não podia dizer coisa alguma, pois não tinha notícias do professor, mas que notara, para sua surpresa, a grande agitação e barafunda que reinavam naquela casa habitualmente tão silenciosa e sombria. Então, Siegmund contou:

Spalanzani deveria dar – no dia seguinte – grande festa com concerto e baile e meia universidade fora convidada. Todos diziam que Spalanzani deixaria sua filha Olímpia aparecer em público pela primeira vez, pois até então a tinha mantido escondida.

Natanael encontrou em casa um convite e à hora marcada foi para a casa do professor, quando já chegavam as primeiras carruagens e as luzes da casa eram acesas nos salões elegantemente decorados. Sociedade elegante e numerosa. Olímpia apareceu com roupa cara e de bom gosto. Não se podia deixar de admirar o rosto de feições tão puras e o talhe perfeito. A curiosa curva do dorso e a estreiteza da cintura de vespa deviam ser feitas por um espartilho muito apertado. O andar e sua atitude tinham qualquer coisa de compassado, de rígido que algumas pessoas julgavam desagradável, mas era explicada pela inibição que devia estar sentindo por causa da festa.

O concerto começou. Olímpia tocava piano com virtuosismo e cantou uma canção patriótica, a voz clara como cristal cortante. Natanael estava deslumbrado. De pé, na última fila, não conseguia ver claramente o rosto de Olímpia à luz estonteante das velas. Sem ninguém reparar, tirou do bolso a luneta de Coppola para mirar a bela Olímpia. Ah! Deu-se conta,

então, de que ela o olhava langorosamente, e seus traços se esvaneciam com seu olhar amoroso, fazendo-o arder inteiramente. Parecia que as cascatas de notas exprimiam o júbilo celestial de alma iluminada pelo amor, e quando o trinado final vibrou, prolongado, estridente, pelo salão, não conseguiu se conter e – como se estivesse apertado por braços apaixonados – exclamou bem alto, com dor e deslumbramento:

– Olímpia!

Todos se viraram para ele e muitos começam a rir. O organista da catedral fez uma careta mais sinistra do que a habitual, apenas murmurando: “Bem, bem.”

Terminou o concerto, o baile vai começar. “Dançar com ela! Com ela!” era o objetivo de todos os seus sentidos, de todos os seus esforços. Mas como fazer para criar coragem de convidá-la, a rainha do baile? Nem mesmo ele soube como aconteceu: quando a dança começou, estava perto de Olímpia, que ainda não tinha sido tirada por ninguém, e, após balbuciar algumas palavras, segurou a mão dela.

A mão de Olímpia estava tão fria quanto o gelo. Ele sentiu correr em suas veias o frio terrível da morte. Olhou para ela: amor e desejo brilhavam naqueles olhos. Então, imaginou que as artérias daquela mão gelada começavam a pulsar, a torrente de sangue ficando mais aquecida. Ardendo de desejo, Natanael enlaçou a bela Olímpia e saíram dançando entre os pares no salão.

Ele tinha a ilusão de ser um bom dançarino, mas o ritmo inflexível dela, que muitas vezes o fazia perder o passo, demonstrou logo como seu ouvido falhava. Ainda assim, não quis dançar com nenhuma outra mulher e, se pudesse, teria batido em qualquer um que se aproximasse de Olímpia. Mas isso só ocorreu duas vezes. Olímpia sempre esteve disponível, para sua surpresa, e pôde convidá-la para dançar todas as músicas.

Se Natanael fosse capaz de ver qualquer outra coisa além de Olímpia, não teria evitado discussões e brigas lamentáveis, pois murmúrios de deboche e risos mal disfarçados eclodiam em todos os grupos de jovens, sem que se soubesse o motivo, embora não tirassem os olhos irônicos de Olímpia.

Aquecido por muitos tragos e pela dança, Natanael tinha abandonado sua natural timidez. Juntinho de Olímpia, segurando-lhe a mão, falava de seu amor em termos inflamados que ninguém poder ia compreender, nem ele mesmo, nem Olímpia. Bem, talvez ela, pois olhava-o fixamente e emitia pequenos suspiros:

– Ah-ah-ah!

E Natanael respondia:

– Mulher sublime, celestial! Exemplo do amor que nos prometem na outra vida! Alma profunda em que se reflete todo meu ser!

Enquanto Olímpia apenas suspirava:

– Ah-ah-ah!

O professor Spalanzani passou uma vez ou duas perto do feliz casal e os olhou sorrindo, com expressão curiosamente satisfeita. Ainda que Natanael estivesse em outro mundo, pôde notar, de repente, que tudo se escurecia aqui, neste mundo, na casa do professor Spalanzani. Olhando ao redor, percebeu, para sua grande estupefação, que as duas últimas velas da sala vazia ameaçavam apagar. A música e a dança já tinham terminado há muito tempo.

– Nos separarmos! Nos separarmos! – exclama, sentindo vivo desespero, e beija a mão de Olímpia e se inclina para a sua boca. Lábios gelados encontraram seus lábios ardentes e sentiu-se presa de pavor, como se sentira ao tocar-lhe a fria mão. A lenda da morta noiva avivou-se em sua memória,⁵ de repente. Mas Olímpia o cerrava contra o peito e os lábios dela pareceram reviver e ficar quentes.

O professor Spalanzani atravessou a sala vazia, lentamente. Seus passos retumbavam e sua silhueta, rodeada por sombras movediças, tinha aparência terrível e fantasmagórica.

– Diga que me ama, Olímpia! Você me ama? Diga apenas uma palavra. Você me ama? – murmurava Natanael, embora Olímpia apenas suspirasse: “Ah-ah-ah!”, enquanto se levantava.

– Meu doce astro, minha linda estrela de amor, você se ergueu em meu céu e você brilhará, iluminando minha alma para sempre – continuava Natanael.

– Ah-ah-ah! – respondia Olímpia, enquanto se afastava.

Natanael a seguiu e ficaram frente a frente com o professor.

– Você teve uma conversa muito animada com minha filha – disse o professor sorrindo. – Se você tem prazer em conversar com essa bobinha, sua visita será sempre bem-vinda.

Natanael foi embora, carregando em seu coração todo um céu radioso de claridade.

A festa de Spalanzani foi assunto das conversas por vários dias. Ainda que o professor tivesse feito todos os esforços para receber as pessoas esplendidamente, maliciosos criticavam as coisas bizarras e incongruentes que ocorreram na festa, sobretudo a rígida, muda Olímpia, à qual atribuíam, a despeito de sua beleza, a mais total estupidez. Era a razão que citavam para explicar sua ausência permanente, determinada por Spalanzani.

Natanael ouviu os comentários encolerizado, mas sem dizer nada, pois não valeria a pena mostrar àqueles engraçadinhos que era a própria estupidez deles que os impedia de ver a alma magnífica e profunda de Olímpia.

– Por favor, meu caro – perguntou-lhe um dia Siegmund: – Podia me dizer como você, um rapaz inteligente, conseguiu se apaixonar por aquele rosto de cera, aquela boneca de madeira?

Natanael já ia explodir de raiva, mas se conteve rapidamente e respondeu:

– Diga-me, Siegmund, como os encantos celestiais de Olímpia escaparam aos seus olhos, em geral tão prontos a distinguir a beleza, e ao seu espírito alerta? Mas agradeço a Deus! Assim não há rival em você, senão um de nós teria de verter todo o seu sangue.

Siegmund percebeu o estado do amigo e concordou diplomaticamente com o que ele dizia, afirmando que em amor não se deve discutir sobre o objeto da paixão, e acrescentou:

– Mas é curioso que, em relação a Olímpia, tantos companheiros pensem como eu. Nós achamos que ela é – não se zangue, meu irmão – muito rígida e sem alma. Ela é bem-feita, tem o rosto bonito, é verdade. Poderia até ser bela se o olhar não fosse despido de calor e de toda acuidade, se posso me exprimir assim. O andar é estranhamente cadenciado e cada um dos movimentos parece feito por mecanismo de relojoaria. Os gestos, o canto, têm ritmo odiosamente regular e sem alma como os de uma caixa de música. E a maneira de dançar é igual. Achamos que esta Olímpia tem qualquer coisa de sinistro e nós queremos ficar longe dela, pois temos a impressão de que apenas finge ser criatura viva e que há algum lamentável equívoco nessa história toda.

Natanael não se entregou ao sentimento de amargura que parecia querer tomar conta dele ao ouvir tais palavras. Ele se controlou, contentandose em dizer gravemente:

– Para vocês, homens prosaicos e frios, pode ser que Olímpia pareça inquietante. Só às sensibilidades poéticas se revela tal organização! Apenas eu percebi seu olhar amoroso, que me iluminou a alma e os pensamentos. É com o amor de Olímpia que encontro por fim a mim se entregar a conversas vãs e vulgares, como o fazem outros espíritos superficiais. Fala pouco, é verdade, mas suas raras palavras são como hieróglifos de um mundo interior, onde reinam o amor e o conhecimento sublime da vida espiritual, contemplando a eternidade. Mas vocês não têm intuição dessas coisas e o que ela diz para vocês são palavras jogadas fora.

– Deus o guarde, meu irmão! – disse Siegmund com doçura, quase com melancolia. – Mas acho que você está no caminho errado. Conte comigo, sobretudo se... Mas não, não quero dizer mais nada.

Natanael percebeu, então, que o frio, prosaico Siegmund tinha muito carinho por ele, e apertou cordialmente a mão que o amigo lhe estendia.

Natanael esquecera, completamente, a existência de Clara, tão amada antigamente. Sua mãe, Lothar, todos tinham se esvanecido em sua mente. Só vivia para Olímpia, a quem ia ver todos os dias e para quem falava com palavras exaltadas de suas almas, coisas que Olímpia escutava com muita discrição.

Natanael sacou das profundezas de sua secretária tudo o que tinha escrito. Poemas, fantasias, visões, romances, novelas, aos quais eram acrescentados, diariamente, todos os tipos de sonetos, estâncias, canções, envoltos pelo azul do céu, e que ele lia para Olímpia durante horas, sem se cansar. Jamais tivera tão magnífico ouvinte. Ela não bordava, nem tricotava, nem olhava pela janela, nem dava de comer a seu pássaro, nem brincava com seu cãozinho favorito ou seu gatinho mimado, nem enrolava pedaços de papel entre os dedos. Nunca tinha de disfarçar um bocejo com tosse forçada e ficava quieta por muitas horas, o olhar fixo, preso aos olhos do namorado, sem o movimentar nem um pouquinho, e esse olhar pouco a pouco ia se tornando luminoso. Só quando Natanael se levantava, ao beijar sua mão, ela dizia:

– Ah-ah-ah! – e logo depois: – Boa-noite, querido!

Alma profunda, alma maravilhosa, gemia Natanael ao retornar ao seu quarto, só você, apenas você me compreende completamente. E tremia de felicidade ao pensar na concórdia miraculosa que existia entre sua alma e a de Olímpia e que aumentava a cada dia. Pois lhe parecia que ela se manifestava em relação às suas obras e ao seu talento poético exatamente como ele teria feito, como se a voz de Olímpia saísse de sua própria alma. O que, sem dúvida, era verdade, pois Olímpia jamais pronunciou outras palavras além das já mencionadas.

Mas se Natanael – em seus momentos de lucidez e de bom-senso, como ao despertar pela manhã, por exemplo – se lembra da passividade de Olímpia e de seu mutismo, se consola dizendo: “Que significam as palavras, as palavras! A expressão de seus olhos celestiais diz mais do que toda a linguagem daqui de baixo. Como poderia uma filha do céu se acomodar aos estreitos limites traçados pelas miseráveis necessidades humanas?”

O professor Spalanzani parecia muito feliz com o relacionamento de sua filha e Natanael, dando-lhe sinais inequívocos de sua aceitação. Quando Natanael teve coragem – por fim – de fazer vaga de referência ao casamento com Olímpia, o professor sorriu largamente, declarando que daria à filha toda a liberdade de escolha.

Encorajado por essas palavras, o coração ardendo de desejo, Natanael resolveu jantar no dia seguinte em casa de Olímpia a fim de suplicar-lhe que dissesse, sem rodeios, de maneira explícita, o que lhe tinha confessado há muito tempo o doce olhar amoroso dela; ou seja, que ela queria ficar com ele para sempre.

Procurou o anel que sua mãe lhe tinha dado quando partira, para oferecê-lo a Olímpia, em sinal de sua eterna devoção e do presente que lhe fazia de sua própria vida, que acabava de renascer e floresceria ao lado dela. Nesse momento, as cartas de Clara e Lothar caíram no chão. Não as apanhou, porém. Encontrou o anel, colocou-o no bolso e foi para a casa de Olímpia.

No patamar da escadaria, escutou a algazarra que parecia vir do gabinete de Spalanzani: arrastar de pés, ruído de vidro partido, trancos e golpes contra a porta, misturados a palavrões e maldições.

“Deixe-a! Deixe-a! – infame – patife – é a isso que sacrifiquei a minha vida e meus trabalhos? – ha-ha-ha-ha! – não foi o que nós apostamos – eu, fui eu quem fez os olhos – eu, os rolamentos – imbecil, com seus rolamentos – maldito cão relojoeiro idiota – vai embora – Satanás – para – torneiro de cabeças de cachimbo – besta infernal – para – vai embora – deixe-a!” As vozes de Spalanzani e do terrível Coppola se entrecruzavam naquele furioso turbilhão. Natanael precipitou-se pelo gabinete, sentindo uma angústia lhe apertar o peito.

O professor segurava pelos ombros um corpo de mulher, enquanto o italiano Coppola o segurava pelos pés. Puxavam, disputavam, para lá, para cá, lutando com furor pela sua posse. Natanael recuou, tomado de horror, ao reconhecer o corpo de Olímpia. Ardendo em furiosa cólera, quis reaver sua bem-amada daqueles enlouquecidos, mas naquele momento Coppola, juntando suas forças de gigante, torce o corpo e o arranca do professor, enquanto lhe dá um soco tão violento, que ele tropeça e cai de costas por cima da mesa, ao meio de garrafinhas, retortas, frascos e provetas. Todos os utensílios voaram em mil pedaços, com grande retinir. Coppola, então, joga o corpo em seus ombros e desce correndo as escadas, rindo seu riso horrível e estridente, enquanto o manequim pendia sem graça, batendo ressoando nos degraus, com som de madeira.

Natanael permanece imóvel. Tinha visto tudo direitinho. O rosto de cera de Olímpia, de mortal palidez, não tinha mais olhos, apenas cavidades negras. Era uma boneca sem vida. Spalanzani rolava pelo chão. Fragmentos de vidro tinham ferido sua testa, seu peito, seus braços. O sangue jorrava. Mas se recompôs:

– Corre atrás dele, corre! Não fica aí parado. Coppelius roubou meu mais belo autômato. Depois de ter trabalhado vinte anos, e sacrificar minhas forças e minha vida! Os mecanismos, a linguagem, o andar, é tudo meu! Os olhos, os olhos é que roubei dele. Maldito, condenado! Corre atrás dele, me traz Olímpia de volta. Olha aí os olhos dela!

Natanael viu, então, dois olhos ensanguentados no soalho. Os olhos olhavam para ele. Spalanzani os segura com sua mão intacta e os joga contra Natanael. Bateram com força em seu peito. Então a loucura enfiou nele suas garras ardentes, lacerando-lhe alma e pensamentos. “Haha-ha! Roda de fogo, roda de fogo, gira, gira, alegremente, alegremente. Opa! Boneca de madeira, opa, linda boneca de madeira!” E se atira contra o professor, agarrando-o pela garganta. E o teria estrangulado, mas a barulheira tinha atraído pessoas, que acorrem em massa e puxam Natanael, salvando o professor, imediatamente socorrido. Siegmund, apesar de toda a sua força, não conseguia dominar o demente, que berrava sem parar: “Boneca de madeira, gira, gira!”, agitando seus punhos fechados. Por fim, unindo forças, um grupo o segura, o joga por terra e o amarra. Suas palavras degeneram em rugido bestial, inquietante. Foi carregado para o hospício, se debatendo numa raiva assustadora.

Antes de contar, amigo leitor, o que ocorreu depois com Natanael, posso garantir – se você tem algum interesse no habilidoso mecânico, o fabricante de autômatos Spalanzani – que as feridas dele curaram perfeitamente. Teve, porém, de deixar a universidade, pois a história de Natanael fez grande escândalo, e se considerava insolência ter introduzido fraudulentamente nos chás elegantes – Olímpia os tinha frequentado com sucesso – uma boneca de madeira em lugar de pessoa viva. Os juristas declararam até ser fraude insidiosa, passível de punição ainda mais severa por ter sido imposta ao público, em geral, com tanta astúcia, que ninguém – a exceção de alguns estudantes particularmente inteligentes – tinha se dado conta disso.

Embora atualmente todos bancássemos os espertos, pretendendo nos recordar da enorme quantidade de fatos que denunciavam a fraude. Mas esses próprios fatos não queriam dizer muita coisa. A quem, por exemplo, pareceria suspeito que Olímpia, segundo palavras de um dos elegantes tomadores de chá, espirrasse mais vezes do que bocejava? Quando ela espirrava, dizia esse elegante, era a mola do mecanismo escondido que dava corda a ela mesma, rangendo, etc.

O professor de poesia e eloquência cheirou rapé, bateu a tampa da tabaqueira, pigarreou e disse, em tom solene: “Honrada assembleia, senhoras e senhores, não adivinharam onde se esconde a lebre? Tudo isso não passa de alegoria, uma metáfora prolongada, compreenderam? *Sapient sa!*”

Mas acontece que muitos daqueles honrados senhores não ficaram satisfeitos com essa coisa toda. Essa história de autômato ficou gravada neles, produzindo, em seguida, terrível desconfiança em relação às figuras humanas em geral. Para ficarem bem seguros de que não amavam uma boneca de madeira, alguns namorados exigiam que sua bem-amada não cantasse no compasso e nem dançasse ritmadamente; que ao ouvir uma leitura, bordasse ou tricotasse ou brincasse com seu gatinho etc. Mas, sobretudo, não se contentasse apenas em ouvir, que falasse algumas vezes e suas palavras fizessem supor fosse capaz de pensar e sentir.

Algumas ligações amorosas se tornaram mais sólidas e mais agradáveis e outras foram desfeitas rapidamente. “Assim, não se pode confiar em ninguém”, dizia tanto um quanto o outro. Bocejavam demais nos chás, jamais espirrando, para não despertar suspeitas.

Como já dissemos, Spalanzani teve de fugir, para evitar inquérito policial por haver introduzido fraudulentamente um autômato na sociedade dos humanos. Coppola também havia desaparecido.

Natanael acordou um dia como se tivesse saído de pesadelo aterrador. Abriu os olhos, sentindo indizível volúpia correr por seus membros num calor suave e celestial. Deitado em sua cama, Clara se inclinava sobre ele, e sua mãe e Lothar estavam ao lado.

– Por fim, por fim, meu bem-amado Natanael, você ficou curado dessa grave doença. Agora, você é meu novamente! – Clara dizia com voz enternecida, apertando Natanael em seus braços, enquanto ele, acabrunhado de melancolia e langor, deixava escorrer lágrimas ardentes, suspirando fundo: “Minha Clara, minha!”

Siegmund, que tinha fielmente acompanhado o amigo, chegou. Natanael estendeu a mão para ele:

– Você é amigo de verdade. Não me abandonou.

Todos os sinais de demência desapareceram. Logo, os cuidados devotados de sua mãe, de sua noiva e dos amigos lhe devolviam as forças.

Entrementes, a felicidade retorna àquela casa, pois um tio velhinho, com quem ninguém se importava, tinha morrido, deixando para a mãe de Natanael pequena fortuna, além de um imóvel situado perto da cidade. Era lá que desejavam se instalar: a mãe, Lothar, Natanael e Clara, com quem ele deveria se unir em breve.

Natanael estava mais calmo. Tinha readquirido a inocência da infância e descoberto o coração admirável, divinamente puro de Clara. Ninguém fazia alusões ao passado. Só quando Siegmund foi se despedir, Natanael lhe disse:

– Por Deus, irmão! Eu ia por um caminho ruim, mas um anjo me reconduziu, em tempo, à estrada do céu! É Clara, esse anjo.

Siegmund não o deixou prosseguir, com medo de que as recordações dolorosas ressuscitassem, com força devoradora.

Finalmente, chegou a hora em que esses quatro felizes mortais iriam se instalar em sua nova propriedade. Ao meio-dia, atravessaram as ruas da cidade, pois tinham cumprido várias obrigações. O alto campanário projetava sua sombra gigantesca sobre a praça do mercado.

– Ah! – disse Clara. – Vamos subir mais uma vez lá em cima para vermos as montanhas ao longe.

Assim foi dito, assim foi feito.

Os dois, Natanael e Clara, começaram a subir, enquanto a mãe voltava para casa com uma empregada. Lothar disse não querer subir todos aqueles degraus e ficaria esperando embaixo. Os dois amorosos já estavam na alta galeria da torre, de braços dados, olhando as florestas longínquas e atrás delas as montanhas azuladas, iguais a uma cidade de gigantes.

– Repare só naquela moita cinzenta, engraçadinha, que parece avançar para nós – disse Clara.

Natanael instintivamente põe a mão no bolso, saca a luneta de Coppola e a dirige para aquele ponto. Clara aparece enquadrada nas lentes. Súbito, uma convulsão contrai suas artérias e veias. Mortalmente pálido, via Clara, mas logo, torrentes de fogo ardem, cintilantes, em seus olhos desvairados. Urra!... Rugido horrível, de animal acuado. Depois, deu um salto no ar e grita com voz forte, enquanto ria ameaçadoramente:

– Boneca de madeira, gira, gira! Boneca de madeira, gira!

Em seguida, agarrou Clara com violência – quer jogá-la no espaço –, mas Clara segura a balaustrada, com mortal desespero, em seu pavor. Lothar ouviu as explosões de raiva do demente e os gritos de infortúnio de Clara. Terrível pressentimento o faz subir a escadaria de quatro em quatro degraus. A porta do segundo andar estava fechada! Louco de raiva e ansiedade, joga-se contra a porta, que acaba cedendo.

Os gritos de Clara soam mais fracos, agora.

– Socorro! Salvem-me! – Ouvia os gritos lá de cima.

“Ela está morta, assassinada por este louco!”, geme Lothar.

A porta da galeria também estava fechada, mas o desespero deu a Lothar a força que não tinha. Arrebenta a porta, que gira sobre seus gonzos. Deus do céu! Clara, segura nos braços esticados de Natanael, está suspensa no espaço, por cima da balaustrada, ainda agarrando as barras de ferro com as mãos. Rápido como o relâmpago, Lothar segura a irmã, puxa-a para trás e dá um soco no rosto do demente, que tomba de costas, largando sua presa.

Lothar desce as escadas correndo, a irmã em seus braços. Está salva! Natanael começa a correr de um lado para outro da galeria, aos pulos, gritando:

– Roda de fogo, gira, gira! Roda de fogo, gira! As pessoas se juntaram ao ouvir os gritos selvagens. Entre elas se destacava a figura gigantesca do advogado Coppelius, que acabara de chegar à cidade, indo diretamente para o mercado. Queriam subir para prender o louco, mas Coppelius começa a gargalhar e diz:

– Ora! Vamos esperar que desça sozinho! – E levantou o rosto, como todas as outras pessoas.

De repente, Natanael estaca, como se estivesse congelado, se dobra sobre a balaustrada, vê Coppelius, e dá gritos agudos: “Ah! Occhi belli! Occhi belli!”, salta por cima dela.

Natanael jaz no pavimento, a cabeça arrebentada. E Coppelius desaparece na multidão.

Muitos anos depois, disseram ter visto Clara, numa região longínqua, sentada ao lado de um homem de boa aparência. Estavam de mãos dadas, na soleira da linda casa de campo. Dois alegres garotos faziam travessuras à frente deles. A conclusão: Clara acabou encontrando a tranquila felicidade doméstica que convinha a seu caráter benigno e a seu gosto pela vida. Felicidade que Natanael, com sua alma dilacerada, jamais lhe poderia ter dado.

- 2 Spallanzani (não Spalanzani) – célebre biólogo italiano, 1729-1799, que, pela primeira vez, fez experiências sobre fecundação artificial dos animais. (N. do T.)
- 3 No *Berliner genealogischer Kalender auf das Jahr 1789*. (N. do T.)
- 4 Pintor italiano.
- 5 *Die tote Braut*, em alemão. Referência a *Die Braut von Corinth*, de Goethe.

Direitos desta edição reservados à
EDITORA ROCCO LTDA.
Av. Presidente Wilson, 231 – 8º- andar
20030-021 – Rio de Janeiro – RJ
Tel.: (21) 3525-2000 – Fax: (21) 3525-2001
rocco@rocco.com.br
<http://www.rocco.com.br>

Conversão para E-book
Freitas Bastos

Capa
retina78.com.br

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA FONTE.
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ.

H648h

Hoffmann, E. T. A. (Ernst Theodor Amadeus), 1776-1822

O homem da areia [recurso eletrônico] / E.T.A. Hoffmann; organização e apresentação Fernando Sabino; tradução Ary Quintela. Rio de Janeiro: Rocco Digital, 2012.
recurso digital (Novelas imortais)

Tradução de: Der sandmann

Formato: ePub

Requisitos do sistema: Adobe Digital Editions

Modo de Acesso: World Wide Web

ISBN 978-85-8122-016-1 (recurso eletrônico)

1. Literatura infantojuvenil alemã. I. Sabino, Fernando, 1923-2004. II. Quintela, Ary, 1933-1999. III. Título. IV. Série.

12-0288. CDD – 028.5 CDU – 087.5

O texto deste livro obedece às normas do Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa.